

THEODORE BOONE
O ACUSADO

JOHN GRISHAM

THEODORE BOONE
O ACUSADO

Tradução de
CATARINA ANDRADE



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2015

Theo esperou e esperou, e finalmente saiu quando o funcionário desligou as luzes. Não tinha para onde ir, exceto a escola. Pegou na bicicleta e pedalou nessa direção. A dois quarteirões do tribunal, um *Jeep Cherokee* preto abrandou ao passar ao lado de Theo. A janela do lado do passageiro abriu e a cabeça de Paco apareceu. Sorriu, mas não disse nada.

Theo travou e o SUV passou por ele. Porque estariam a segui-lo?

Ficou assustado e tomou rapidamente a decisão de se esgueirar por um beco e atravessar um quintal. Olhava para trás sobre o ombro quando um homem enorme apareceu à sua frente e lhe agarrou o guidador.

— Olá miúdo! — rosnou ele, agora cara a cara com Theo.

Capítulo 1

O acusado era um homem rico chamado Pete Duffy e o crime que alegadamente cometera era homicídio. De acordo com a polícia e o Ministério Público, o senhor Duffy estrangulara a sua adorável esposa na sua belíssima casa, situada junto ao sexto buraco de um campo de golfe, onde ele, o acusado, se encontrava a jogar uma partida, sozinho, nesse dia. Se fosse condenado, passaria o resto dos seus dias na prisão. Se fosse ilibado, sairia do tribunal um homem livre. O que acabou por acontecer é que o júri não o considerou culpado nem inocente.

Este era o seu segundo julgamento. Quatro meses antes, o primeiro terminara abruptamente quando o juiz Henry Gantry decidiu que seria injusto prosseguir. Declarou a nulidade do processo com base num erro judicial e mandou todos embora, incluindo Pete Duffy, que continuou em liberdade condicional. Na maior parte dos casos de homicídio, o acusado não tem forma de pagar a fiança e ficar em liberdade enquanto aguarda julgamento. Contudo, o senhor Pete

Duffy tinha dinheiro e bons advogados e estava em liberdade desde que a polícia encontrara o corpo da sua esposa e ele fora acusado de a matar. Fora visto pela cidade a jantar nos seus restaurantes preferidos, a assistir a jogos de basquetebol no Stratten College, a ir à missa (ainda com maior frequência) e, claro, a jogar golfe muitas vezes. Enquanto aguardava o primeiro julgamento, parecia despreocupado com a perspectiva de ser julgado e com a possibilidade de ser preso. Contudo, agora, ao enfrentar um segundo julgamento, com uma nova testemunha ocular prestes a ser apresentada pela acusação, dizia-se que Pete Duffy estava muito preocupado.

A nova testemunha era Bobby Escobar, um imigrante ilegal de dezanove anos, que trabalhava no campo de golfe no dia em que a senhora Duffy fora assassinada. Bobby viu o senhor Duffy entrar em sua casa, sensivelmente à hora em que ela morreu e, em seguida, sair apressadamente e voltar ao seu jogo de golfe. Por muitas razões, Bobby não se chegou à frente até o primeiro julgamento já ter começado. Assim que o juiz Gantry ouviu a história de Bobby, declarou a nulidade do processo. Agora, com Bobby prestes a testemunhar, a maior parte das pessoas em Strattenburg que acompanhavam o caso Duffy desde o início esperava um veredito de «culpado». Era praticamente impossível encontrar alguém que acreditasse que Pete Duffy não assassinara a mulher.

Também era difícil encontrar alguém que não quisesse assistir a este acontecimento. O julgamento de um caso de homicídio no tribunal de Strattenburg era um acontecimento raro (aliás, a ocorrência de um homicídio em Strattenburg já era raro), e uma pequena multidão começou a juntar-se às 8h00, pouco depois de as portas do tribunal abrirem. O júri fora selecionado três dias antes. Estava na hora de o espetáculo começar na sala de audiências.

Às 8h40, o senhor Mount conseguiu que a sua turma sossegasse e fez a chamada. Os dezasseis rapazes estavam presentes. O registo de presenças demorou apenas dez minutos, antes de os rapazes seguirem para a primeira aula do dia, espanhol, com a senhora Monique.

O senhor Mount estava com pressa. Disse-lhes:

— Muito bem, rapazes, vocês sabem que hoje é o primeiro dia do julgamento Duffy, por volta das duas da tarde. Fomos autorizados a estar presentes no primeiro dia do primeiro julgamento, mas, como sabem, o meu pedido de autorização para assistir ao segundo julgamento não foi aceite.

Vários rapazes assobiaram e apuparam.

O senhor Mount levantou as mãos.

— Chega. Contudo, a nossa estimada diretora, a senhora Gladwell, concordou em deixar o Theo assistir ao início do julgamento e reportar-nos o sucedido. Theo.

Theodore Boone levantou-se de um pulo e, tal como os advogados que via e tanto admirava, caminhou decidido para a frente da sala de aula. Trazia consigo um bloco de notas amarelo, como um verdadeiro advogado. Ficou de pé ao lado da secretária do senhor Mount, esperou um segundo e olhou para a turma como se fosse mesmo um advogado num julgamento a preparar-se para se dirigir aos jurados.

Visto que os pais eram advogados e que fora praticamente criado nos seus gabinetes, passando a maior parte do seu tempo em salas de audiência enquanto os seus colegas do oitavo ano da escola preparatória de Strattenburg praticavam desporto, tinham aulas de guitarra e faziam as coisas normais que os miúdos de treze anos fazem, e visto que gostava tanto de Direito, estudava e estava a par de tudo o que estivesse relacionado com isso e não falava de outra coisa a toda a hora, o resto da turma não hesitava em recorrer a Theo quando o assunto era qualquer questão legal. No que dizia respeito ao Direito, Theo não conhecia rival, pelo menos na aula do senhor Mount.

Theo começou:

— Bem, assistimos ao primeiro dia do primeiro julgamento há quatro meses, por isso todos conhecem o alinhamento e os jogadores. Os advogados são os mesmos. As acusações, as mesmas. O senhor Duffy ainda é o senhor Duffy. O júri é diferente desta vez e, claro, há uma testemunha ocular que não esteve presente no primeiro julgamento.

— Culpado — gritou Woody do fundo da sala.

Muitos outros se juntaram a Woody e expressaram a sua concordância.

— Está bem — disse Theo —, vamos a votos. Levante a mão quem acha que Pete Duffy é culpado.

Catorze de dezasseis mãos ergueram-se no ar sem qualquer hesitação. Chase Whipple, o cientista maluco que se orgulhava de nunca concordar com a maioria, permaneceu sentado com os braços cruzados sobre o peito.

Theo não votou e mostrou-se irritado.

— Isto é ridículo! Como é que podem votar «culpado» antes de o julgamento começar, antes de ouvirmos o que a testemunha vai dizer, antes de tudo acontecer? Já falámos da presunção de inocência. No nosso sistema judicial, qualquer pessoa acusada de um crime é presumivelmente inocente até que se prove o contrário. Pete Duffy vai entrar naquela sala de audiências esta manhã como um homem completamente inocente e vai permanecer inocente até todas as testemunhas serem ouvidas e todas as provas serem apresentadas perante o júri. A presunção de inocência, lembram-se?

O senhor Mount encontrava-se de pé ao canto da sala e observava Theo no seu melhor. Já o vira antes, muitas vezes. O miúdo tinha um talento natural, era a estrela do grupo de debate do oitavo ano, que o senhor Mount orientava.

Theo prosseguiu, continuando a fingir-se indignado com a precipitação dos colegas a julgar Pete Duffy.

— E provas para lá de qualquer dúvida razoável, lembram-se? O que é que se passa convosco, rapazes?

— Culpado! — gritou Woody outra vez, o que despoletou algumas gargalhadas.

Theo sabia que era uma causa perdida e disse:

— Está bem, está bem, posso ir agora?

— Claro que sim — respondeu o senhor Mount.

A campainha tocou ruidosamente e os dezasseis rapazes dirigiram-se para a porta. Theo apressou-se a percorrer o corredor até à receção, onde a senhora Gloria, a secretária da escola, se encontrava ao telefone. Ela gostava de Theo porque a sua mãe tratara do seu primeiro divórcio e porque Theo, uma vez, a aconselhara legalmente quando o seu irmão fora apanhado a conduzir sob a influência de álcool. Theo entregou-lhe um formulário amarelo, assinado pela senhora Gladwell, que o autorizava a sair da escola e saiu. O relógio por cima da secretária marcava exatamente 8h45.

No exterior, no estacionamento para bicicletas junto ao mastro da bandeira da escola, Theo abriu o cadeado, enrolou a corrente à volta do guiador e pedalou a toda a velocidade. Se obedecesse às regras da estrada e percorresse o caminho pelas ruas principais,

estaria em frente do tribunal dentro de quinze minutos. Contudo, se fosse pelos atalhos habituais e pedasse a toda a velocidade por um beco ou dois, fizesse corta-mato através de uns quantos quintais e não parasse em, pelo menos, dois sinais de STOP, chegaria em menos de dez minutos. Neste dia em particular, não tinha tempo a perder. Sabia que a esta hora a sala de audiências já estaria a abarrotar. Seria uma sorte arranjar lugar.

Atravessou a grande velocidade um beco, fez dois grandes voos e disparou pelo quintal de um homem que conhecia, um homem muito antipático, que usava uniforme e agia como se fosse um agente da autoridade, quando, na verdade, não passava de um segurança a tempo parcial. Chamava-se Buck Boland (Buck Baloney [salame], como alguns sussurravam nas suas costas), e Theo via-o ocasionalmente ao pé do tribunal. Enquanto atravessava a alta velocidade o quintal do senhor Boland, ouviu um grito irritado: «Desaparece daqui, miúdo!» Theo desviou-se para a esquerda quando viu o senhor Boland atirar uma pedra na sua direção. A pedra parou muito perto dele e Theo pedalou ainda com mais energia.

Foi por pouco, pensou ele. Talvez devesse arranjar outro caminho.

Nove minutos depois de sair da escola, Theo parou em frente do Tribunal do Condado de Stratten, prendeu rapidamente a bicicleta a um poste e apressou-se

a entrar. Subiu a grandiosa escadaria e passou as enormes portas da sala de audiências do juiz Gantry. Estava uma multidão à porta: espectadores numa fila à espera para entrar, câmaras de televisão com as suas luzes ofuscantes e vários oficiais de diligências carrancudos a tentarem manter a ordem. O oficial de diligências de que Theo menos gostava era um velho rabugento chamado Gossett e, por azar, Gossett viu Theo tentar passar por entre a multidão.

— Onde pensas que vais, Theo? — rosou Gossett.

Deve ser bastante óbvio para onde quero ir, pensou Theo para com os seus botões. Para onde iria neste preciso momento, no início do maior julgamento de homicídio na história de Stratten? Contudo, ser sarcástico não o ia levar a lado nenhum.

Theo mostrou-lhe a autorização da escola e disse suavemente:

— Tenho autorização da minha diretora para assistir ao julgamento, senhor.

Gossett arrancou-lhe o papel das mãos e olhou furiosamente para ele como se fosse abater Theo a tiro se a papelada não estivesse em ordem. Theo pensou em dizer «Se precisar de ajuda, posso ler-lhe o que diz», mas, mais uma vez, controlou-se.

Gossett disse:

— Isto é um papel da escola. Não é um passe de acesso ao tribunal. Tens autorização do juiz Gantry?

— Sim, senhor — respondeu Theo.

— Deixa-me ver.

— Não está por escrito. O juiz Gantry deu-me permissão verbal para assistir ao julgamento.

Gossett franziu ainda mais o sobrolho, abanou a cabeça com um ar muito autoritário e disse:

— Desculpa, Theo. A sala está cheia. Não há mais lugares. Temos estado a recusar a entrada a toda a gente.

Theo pegou no formulário da autorização e tentou parecer que ia desatar a chorar. Recuou, virou-se para trás e percorreu o longo corredor. Quando Gossett já não o conseguia ver, esgueirou-se por uma porta entreaberta e desceu pelas escadas de serviço usadas pelos funcionários de limpeza e pelos técnicos de manutenção. No primeiro andar, atravessou um corredor escuro e estreito que passava por baixo da sala de audiências principal e, em seguida, entrou descontraidamente numa sala, onde os funcionários do tribunal se juntavam para tomar café, comer dónutes e coscuvilhar sobre a vida alheia.

— Olá, Theo — disse a adorável Jenny, de longe a sua funcionária administrativa preferida de todo o tribunal.

— Olá, Jenny — retorquiu Theo com um sorriso, continuando a atravessar a pequena sala.

Desapareceu dentro de um quarto de arrumos e saiu do outro lado, no patamar de outra escadaria

escondida. Há muitas décadas, esta era utilizada para trazer os condenados da prisão até à sala de audiências principal a fim de enfrentarem a fúria dos juízes, mas hoje em dia raramente era utilizada. O velho tribunal era um labirinto de passagens apertadas e escadarias estreitas, e Theo conhecia cada uma delas.

Entrou na sala de audiências por uma porta lateral, junto ao banco dos jurados. A sala estava ao rubro com o burburinho excitado dos espectadores prestes a assistirem a algo dramático. Guardas fardados circulavam pela sala, conversando uns com os outros e dando-se ares de grande importância. Estava uma multidão à porta e as pessoas ainda tentavam entrar. Do lado esquerdo da sala de audiências, na terceira fila atrás da mesa da equipa de defesa, Theo viu um rosto familiar.

Era o seu tio, Ike, e guardava um lugar para o seu sobrinho preferido (e único). Theo abriu caminho e apressou-se a percorrer a fila, enfiando-se num lugar apertado junto a Ike.